

Era uma vez a questão racial: os livros de literatura no processo de construção de identidades

It was once the racial question: The literature books in the identity construction process

Michelle dos Santos Vianna¹.

Resumo

Este artigo faz uma breve reflexão sobre a importância da Literatura Infanto-juvenil para a construção da identidade étnico-racial na Educação Infantil. O objetivo é fazer uma discussão acerca dos caminhos possíveis para uma construção identitária, que valorize e reconheça a beleza da criança negra. Para tal reconhecimento contamos com Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil afirmando os direitos da população negra nos diferentes âmbitos. Para nos ajudar a compreender este processo e as práticas dos docentes, utilizamos os conceitos de Racismo, Identidade, Empoderamento, Literatura entre outros. São muitos os desafios encontrados em nosso cotidiano, a partir dessas explanações pretendemos ampliar as discussões sobre práticas educativas e pedagógicas reflexões sobre o processo de inclusão e os caminhos necessários para promover a igualdade racial na educação e na sociedade como um todo.

Abstract

This article makes a brief reflection on the importance of Child-Youth Literature for the construction of ethnic-racial identity in Early Childhood Education. The objective is to discuss the possible ways to construct an identity that values and recognizes the beauty of the black child. For this recognition, we have Law 10.639 / 03, which makes it compulsory to teach African and Afro-Brazilian History and Culture in public and private schools in Brazil, affirming the rights of the black population in the different spheres. To help us understand this process and the practices of teachers, we will use the concepts of Racism, Identity, Empowerment, Literature and others. There are many challenges encountered in our daily life, and with these explanations we intend to broaden the discussions on educational practices and pedagogues reflections on the process of inclusion and the necessary paths to promote racial equality in education and society as a whole.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Identidade étnico-racial. Criança negra. Lei 10.639/03. Diversidade.

Keywords: Children's Literature. Ethnic-Racial Identity. Black Child. Law 10.639 / 03. Diversity.

Introdução

O presente trabalho é um recorte da minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia. Optei por fazer um trabalho bibliográfico, que me possibilitou maior conhecimento em torno do tema relações Étnico-Racial na Educação Infantil, com o

¹ Graduada em Pedagogia. Universidade Federal Fluminense. michelle_santos_vianna@gmail.com.

propósito de compreender como se dá essas relações dentro da escola evidenciando o segmento da Educação Infantil. Acreditando que é nessa etapa que os conflitos sociais surgem e influenciam diretamente na identidade da criança negra. Sendo através dos livros e autores que puder fortalecer a minha caminhada teórica.

A literatura surge então com a minha experiência enquanto bolsista do PROALE², que viu na literatura um caminho possível para a promoção e construção identitária e a valorização dos fenótipos negros. O PROALE reforçou a minha ideia de falar sobre as relações étnico-raciais, permitindo um maior contato com contos, mitos, lendas e biografias que reforçaram a minha identidade, enquanto professora negra e, ampliação de literaturas e conhecimento sobre autores que nem mesmo sabia que existiam. Ampliando esses horizontes em busca da diversidade, percebi melhora no trabalho com as crianças, pois tínhamos opções de leitura e uma abordagem maior sobre as questões raciais.

A construção identitária da criança deve contar com estímulos, suportes e conteúdos capazes de valorizar e reconhecer a beleza de cada criança, por isso a importância do livro na educação infantil, e o papel central do professor nesse segmento que seleciona esses livros e produz atividades que pode ou não ajudar nessa construção identitária.

Vejo que o trabalho do professor, nesse sentido, é apresentar uma literatura que visa uma construção de identidade positiva, já que a educação infantil ainda precisa do lúdico e o livro traz essa perspectiva mais descontraída para que as crianças entendam de forma mais “leve” o que é: O preconceito? O que é o racismo? O que é ser negro? E nesse sentido o que vemos são professores que buscam no livro um caminho para construir projetos e possibilitar construção de identidades diversas. Assim, indago se o livro poderia ser um suporte para construção da autoestima e valorização da beleza negra?

Essa pergunta surgiu a partir do meu trabalho como bolsista no PROALE, ao presenciar tantos professores a procura de livro e que abordem a temática racial e outras questões como forma de introduzir o trabalho em sala de aula. Entretanto, o que me chamou a atenção é como muitos desses livros têm sido usados. Desde que comecei a trabalhar no PROALE percebi que não existem livros específicos para determinada faixa etária ou temática, pois um livro transborda essas definições, a forma como é tratada a leitura e como ela é recebida pelos alunos é que definem as inúmeras facetas que um livro pode apresentar,

² O Programa de Alfabetização e Leitura – PROALE – foi instituído em 1991, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, e realiza desde então um conjunto de ações orientadas principalmente para o incentivo à leitura e a formação continuada de professores e outros profissionais da Educação que se ocupam de questões relacionadas a alfabetização, letramento, leitura, escrita, literatura.

eles nos mostram que para além das páginas existe um mundo de imaginações e de adaptações possíveis para qualquer público.

Realizo uma análise sobre alguns livros do PROALE que os professores mais trabalham com esse segmento. Procurei apresentar os pontos positivos e negativos, com o objetivo de valorizar e reconhecer nesses livros caminhos possíveis de construir a diversidade e fortalecer o processo identitário da criança.

O contato com os livros deve começar desde cedo, pois os livros propiciarão ao universo infantil um mundo de fantasias, imaginação e uma compreensão maior de si e do outro. Para além das princesas e príncipes do padrão estético que nos é apresentado, o livro quando bem escolhido e quando integra o segmento étnico, leva a criança a reinventar parte da história, em que ela se vê como personagem sem perder o encantamento da tradição dos contos de fadas.

Perceber o livro como um dos vários instrumentos de suporte metodológico necessários nessa construção positiva da identidade negra faz entender que existe um caminho possível a ser iniciado na Educação infantil, ou seja, uma construção lúdica a respeito de quem somos.

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intensão é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso. (BRAGA; SILVESTRE, 2009, p. 22).

Dá a importância do professor selecionar os livros que estarão nas salas de aula, nos cantinhos de leitura. Uma vez que, o acesso e seleção dos mesmos, demonstra preocupação com a qualidade e com o conteúdo que está sendo passado para essas crianças. Visto que, majoritariamente as crianças das escolas públicas são negras e por isso, devem se sentir representadas no espaço escolar, através dos brinquedos, livros, dentre outros objetos, já que passaram a maior parte do tempo dentro da escola.

Na busca de uma construção identitária da criança negra, analisarei 4 livros que nos ajudam a entender como os livros infanto-juvenis podem ser grandes suportes para a valorização e negação da identidade. Adotaremos o livro e a literatura infantil como um dos pontos de partida plausíveis de se trabalhar na Educação Infantil, segmento em que se busca dentre outras coisas o conhecimento e o respeito de si e do outro tornando o livro um suporte metodológico que é muito manuseado pelas crianças e usado em atividades pelos professores.

Sem o objetivo de esgotar a literatura afrodescendente infantil voltada para as questões raciais, buscaremos apresentar resumidamente as histórias, discutir e analisar o conteúdo de cada livro, visando olhar pontos positivos e negativos, que nos ajudem a discorrer a importância dessas literaturas na construção identitária da criança negra, mas também levar um conteúdo que possibilite que seu imaginário seja amplo, incentivando a formação do pensamento, estimulando-a a criticidade.

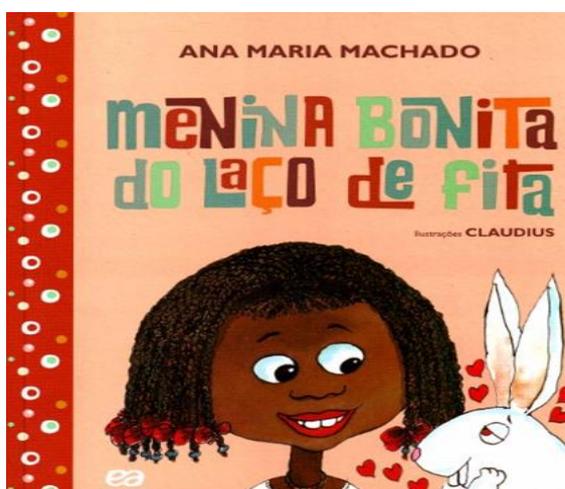
Deste modo os livros que veremos são fios condutores para pensarmos antes de tudo nos processos identitários, de reconhecimento e valorização da imagem negra dentro das escolas, por meio de textos, imagens e outros elementos trazidos no livro, pois nada em um livro é por acaso, todos os elementos são intencionais.

1. Era uma vez...

Os livros selecionados abaixo foram experimentados por diversas etapas da Educação Básica. Todas as experiências que me foram relatadas usavam o livro como instrumento para ajudar os alunos a construir sua identidade histórica, estética e cultural, tendo o livro como base para uma leitura seguida de atividades, projetos e trabalhos contínuos de valorização racial ou somente para uma leitura sem compromisso político e cultural com o tema. Os exemplos abaixo são para nos inspirar a pensar sobre as questões que podemos levar aos nossos alunos para além da história que vão ouvir.

1.1. Menina bonita do laço de fita

Figura 1 – Capa do livro



Era uma vez uma menina linda, linda, os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negro feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa que nem o pelo da pantera negra. Sua mãe gostava de fazer trancinhas em seus cabelos. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do luar. Do lado da casa dela morava um coelho branco, que achava a menina a pessoa mais linda e por isso queria descobrir o segredo pra ser tão pretinha. A menina não sabia e por isso inventava sempre uma história. O coelho muito insistente perguntou pela penúltima vez: menina bonita do laço de fita qual o seu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou... “Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba, quando era pequenina”.

“O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar” Por isso, daí alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada quando a mãe respondeu: - Artes de uma avó preta que ela tinha... O coelho viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade porque a gente se parece mesmo é com os pais, os tios, os avós e até com parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha que procurar uma coelha preta para casar. O coelho não perdeu tempo e foi logo casando com uma coelha preta, que tiveram muitos filhotes de todas as cores. E quando a coelha sai na rua e alguém pergunta o seu segredo para ser tão pretinha ela responde: - Conselhos da minha madrinha.

Menina bonita do laço de fita um livro que nos traz muitos questionamentos. Os professores gostam de trabalhar com esse livro por trazer uma linguagem clara e ilustrações bastante ricas tanto para Educação Infantil quanto para as primeiras séries iniciais. Esse livro é usado como forma de apresentar às crianças a valorização da cor da pele. A afirmação surge com o meu trabalho no PROALE e os vários relatos sobre o livro tão requisitado, que em geral as crianças gostam muito da história, mas, precisamos ponderar que algumas crianças poderão sentir-se desconfortáveis ao falar sobre si e suas origens e haverá crianças que não se reconhecerão nessa história por uma negação histórica sobre os negros.

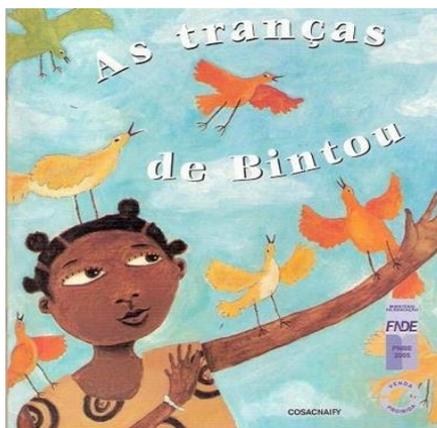
Percebemos que essa história se assemelha a de muitas crianças que não passaram por um processo de construção de identidade, pois as respostas dadas pela menina sobre a sua cor, lembram o racismo que muitas crianças sofrem para justificar a sua cor negando cada vez mais a suas origens. Ainda que a menina não seja discriminada pelo coelho, que por sinal a admirava muito esta não conhecia sua origem e dava desculpas para ser tão pretinha.

Acredito que o livro traz muitos pontos de partida a serem levados em conta e um deles é a importância de se trabalhar desde cedo aquela famosa atividade da árvore genealógica, traçando uma grande linha do tempo sobre o nossas origens, mostrando fotos às crianças de seus antepassados como forma de resgatar uma memória coletiva, carregada de significado sobre quem somos, ou seja, tal atividade vai além do livro, estimulando as crianças a tornarem-se pesquisadoras de si mesmas. Assim como no livro em que a mãe traz o sentido da ancestralidade trazendo o exemplo da avó. De acordo com Martins (2011, p. 17) “Nós nos reconhecemos e nos reconstruímos na relação com o outro. O caráter relacional da identidade é o eixo que conduz nossos sentimentos, pensamentos e ações”.

O livro apresenta uma forma de explicar como é a organização social da família, e trazer essas questões para sala é trabalhar com Quem é a sua família? Se ela não segue os moldes tradicionais, ela pode ser considerada menos válida? São perguntas que devem sugerir aos alunos o respeito com outro não deixando o preconceito imperar, como por exemplo, sobre a formação familiar homo afetiva, as mães e pais solteiros, aos divorciados, que hoje no século XXI enfrentam intolerâncias e violências.

Outro ponto do livro para pensarmos é a descrição que a autora faz sobre o afeto da mãe negra com a menina ao cuidar dos seus cabelos, transformando em uma rainha da África, ter essa explanação é afirmar para as nossas crianças que seus cabelos são lindos, seja ele crespo, cacheados, Black, trançado, que seus estereótipos são beleza e quando o coelho na sua saga por se tornar negro, acaba afirmando que a beleza também é invejada. Valorizar a negritude a partir da literatura infantil é levar possibilidades das crianças se reconhecerem em outros referenciais. Tantos pontos de partida e tantas chegadas, a literatura nos permite trabalhar os muitos caminhos que o livro traz e, Menina bonita do laço de fita é um exemplo disso.

1.2. As tranças de Bintou

Figura 2 – Capa do livro

Fonte: Diouf (2010)

Bintou é uma menina negra que tinha cabelo curto e crespo. “Meu cabelo é bobo e sem graça tudo o que eu tenho são quatro biotes na cabeça”. Bintou queria tranças nos cabelos, mas a tradição de seu povo era que apenas mulheres adultas poderiam ter tranças. Bintou então aproveita a visita de sua avó e pergunta por que as meninas não podem usar tranças? Sua avó conta a história de uma menina que só pensava o quanto era bonita, e de tanto que os outros a admiravam ela se tornou vaidosa e egoísta... A avó que sabia de tudo explica que a menina irá crescer e terá muito tempo para usar tranças.

Então um dia quando Bintou resolveu caminhar pela praia, ela vê dois homens prestes a se afogar, mas Bintou foi rápida e esperta pegando o caminho mais curto e mais perigoso para buscar ajuda até a vila, e assim fez. Bintou ajudou a salvar os dois homens e foi reconhecida pelo seu feito na vila. Perguntaram – “Diga-nos o que você mais deseja?” Antes que ela pudesse responder sua irmã falou: TRANÇAS.

Bintou mal podia esperar pelas tranças e quando sentou no chão e sua avó passou um óleo perfumado, mas ela sentia que sua avó estava fazendo os biotes e quando terminou não tinha coragem de olhar para o espelho. Sua avó a encorajou abrir os olhos e quando Bintou abriu os olhos viu pássaros amarelos e azuis em seu cabelo. E ela falou –“Foi-se a menina sem graça com quatro biotes na cabeça. Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e estou muito feliz”.

Mais uma História que nos faz pensar a questão étnico-racial das crianças negra, e mais do que focalizar na cor da pele ou no cabelo da menina o livro traz como ponto central o brincar como forma de trazer o real motivo da infância. Sabemos que o cabelo é muito

importante para a autoestima das mulheres, mas não tem que ser o alvo de nossas crianças. Estimular nos pequenos o interesse para o que vestir e como se pentear, por exemplo, os ajuda a desenvolver a autoestima e a vontade de parecerem bem e bonitos, contribuindo para a autoconfiança em várias situações sociais. O problema começa quando a vaidade torna-se excessiva, não dando espaço para serem crianças. Muitas meninas iniciam a vaidade cedo e acabam chegando ao extremo dela, com consentimento muitas vezes dos pais.

A insatisfação da menina com seus biotes no começo do livro podem ser associados à insatisfação das crianças que rejeitam seu cabelo e sua beleza para serem aceitos pelos outros, impondo a si mesmo outros padrões estéticos (branco, loiro, alisado) considerados como padrões de beleza, no mundo ocidental.

O livro tem ilustrações riquíssimas trazendo a beleza negra, a beleza de uma vila, de seu povo e de seus costumes com detalhes e cores vibrantes demonstrando que alegria impera nesse povo, e não vemos como de costume os estereótipos da África com fome, pobreza e outros aspectos que faz a criança repudiar e se afastar da cultura e dos saberes que a constitui.

Percebemos que a ancestralidade é uma questão muito forte principalmente para ensinar aos mais novos os ritos de passagem os mitos e lendas que irão perpetuar de geração a geração. A diversidade cultural está presente no povo afrodescendente, através dos conhecimentos e valores que permeiam a vida familiar, deste modo, é importante mostrar às crianças como esses costumes surgem e a importância desses conhecimentos para a construção da nossa cultura.

Entendemos nessa história como Bintou precisava da aprovação, do olhar e do cuidado do outro para sentir valorizada com os seus biotes, a diversidade pode ocorrer naturalmente quando as crianças têm bons exemplos em casa e na sala de aula. Elogios fazem parte dessa construção identitária e esse livro traz um importante ponto a ser destacado que cada criança tem sua beleza e quando essa valorização está exposta em livro infantil, por exemplo, traz como possibilidade um referencial possível de alcançar, ou seja, a criança se reconhece na literatura. Mesmo aquelas que negam ou ignoram a identidade negra, vê de forma positiva a beleza negra sendo exaltada num livro, na atitude e nas ilustrações que despertam a beleza que por tanto tempo foi invisibilizada pela mídia, pelas indústrias de brinquedos por exemplo. É importante perceber que o ideal de beleza de Bintou são as tranças e tem sua irmã como referencial a ser seguido, apresentar o encanto e a diversidade dos cabelos negros faz com que esses indivíduos amem a si mesmo.

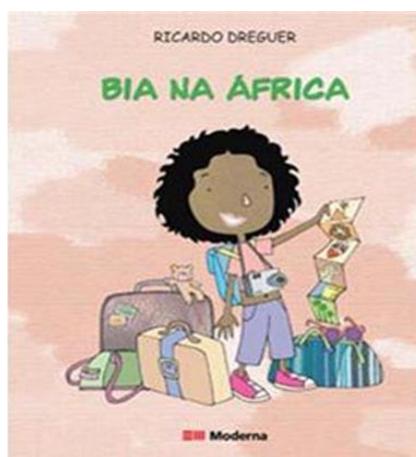
Deste modo o problema de Bintou não era os biotes e sim os biotes sem graça. E quando todos esperavam que avó fizesse tranças Bintou apareceu com biotes enfeitados cheios de flores e pássaros, ressaltando que a beleza está em nós, basta um toque, um elogio, um cuidado especial, um incentivo e ela desabrocha como flor.

Além dessa estética negra carregada de sentido e valorização, o livro de Bintou ressalta que os ritos de passagem fazem parte da tradição presente na diversidade cultural africana e brasileira. A nossa cultura também traz diversos rituais como batizados, aniversários, ritos de passagem de aprendizado e crescimento, dentre outros que merecem ser revistos até problematizados com as crianças.

As tranças de Bintou é um exemplo de literatura que nos desafia a pensar a diversidade a ser trabalhada desde a Educação Infantil como forma de conhecer e respeitar o outro pelo o que ele é.

1.3. Bia na África

Figura 3 – Capa do livro



Fonte: Dreguer (2007)

Bia é uma menina de 8 anos com descendência africana que acompanha a sua mãe diplomata quando está prestes a morar 1 ano em Angola. Bia fica um pouco receosa com a proposta, com medo de como seria começar novas amizades, conhecer novos lugares, nova escola, mas a sua mãe consegue convencê-la. Nessa viagem Bia conhece a verdadeira África, aquela livre de estereótipos e claro se encantam por um continente cheio de belezas. Antes de chegar ao seu destino, as duas visitam o Egito, onde constata a influência árabe na religião,

na arquitetura, na língua, além de conhecerem vários monumentos. Passando pelo Quênia, observam o contraste entre a grande capital, Nairóbi e uma reserva de animais selvagens. Enfim ao chegar à Angola depois de uma viagem muito longa Bia acaba gostando de aprender mais sobre onde iria morar.

Em Angola Bia frequenta a escola, faz novas amizades e vai descobrindo outra cultura, com palavras, sotaques, gostos, e sabores diferentes, mas também reconhecendo nossas raízes africanas na religião, na dança, música, alimentação, e a desigualdade social presente em grandes cidades e países. Ao retornar para o Brasil, Bia sente-se enriquecida, sobretudo pela descoberta da imensa diversidade do continente africano e pela valorização da cultura de seus antepassados, o que desperta nela o orgulho de ser negra.

Bia na África é um livro que faz parte da série Viagens da Bia que inclui os volumes “Bia na Europa” “Bia na Ásia”. Nessas viagens ela conhece as influências que os outros países trouxeram para o Brasil. Bia convida o leitor a embarcar numa viagem de descobertas e de conhecimentos sobre nossas raízes africanas vista pela lente curiosa de uma criança, que cada vez tem perguntas e descobertas a fazer.

Embora o livro seja um pouco grande, ele pode ser adaptado a qualquer faixa etária ou segmento. O livro é riquíssimo em detalhes, podendo desdobrar-se em projetos, pesquisas, e até semanas culturais sobre a diversidade de jogos, palavras, músicas, danças, nomes que estão presentes na cultura brasileira e que desconhecemos o significado e sua origem.

A capa do livro traz de forma bastante colorida uma imagem de uma menina negra viajando e descobrindo a África, mostrando que as crianças que lerem esse livro farão grandes descobertas. O livro é um estimulador para fazermos perguntas e ir de encontro de possíveis respostas. É legal perceber que mesmo que saibamos que exista pobreza na África, essa não ganha destaque nesse livro, pelo contrário os pontos positivos desse continente e seus países são vistos de forma rica, desconstruindo nas crianças a falsa ideia de ser “país de negros pobres que passam fome”.

A ilustração do livro traz elementos culturais importantes que mostram um continente e seus países globalizados e desenvolvidos muito além dos safaris. “De onde será que vem essa visão da África que a gente tem?” Uma pergunta importante para pensarmos os pré-conceitos que acabamos por reproduzir muitas vezes no ambiente escolar.

O livro é escrito a partir do olhar da Bia, que traz consigo seus medos, suas inseguranças, sonhos, e molecagens. No começo da história vemos como é composta a sua família, Bia tem os pais separados que vivem felizes suas vidas. Apesar da tendência das

histórias inferiorizarem os negros e retratar o sofrimento e o trabalho escravo, nessa história os pais de Bia são muito bem sucedidos, mostrando que os negros têm êxito e sucesso no trabalho. Apresentar esses indivíduos como exemplo faz com que as crianças vejam que elas também, enquanto negras, podem alcançar cargos de alto escalão.

As páginas do livro descortinam um mundo de descobertas, aulas de História e Geografia vão se configurando pela curiosidade de uma criança. Aborda a escravidão, a fome e a miséria, não como foco principal da história, afinal essas questões também fazem parte do nosso presente, das lutas por direitos que hoje temos e por isso não pode ser esquecido.

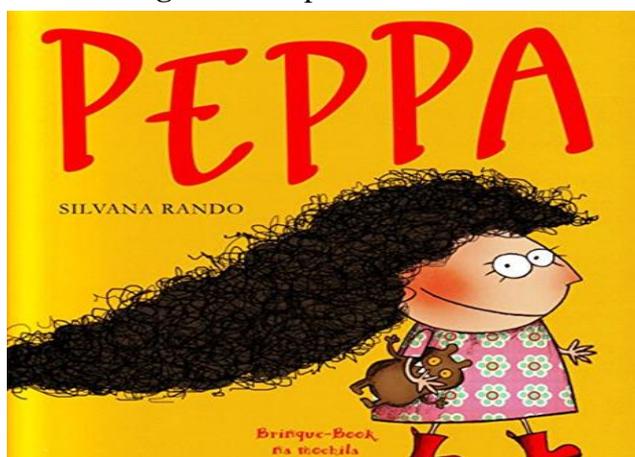
Ao término da viagem Bia, ficamos com gosto de quero mais, um verdadeiro convite os professores e alunos a conhecerem mais sobre nossa cultura e mesmo que nós e nossos alunos ainda que não consigam de fato viajar até a África o livro nos mostra um dos caminhos para o conhecimento. Articulamos a partir dessa viagem tecnologia, conhecimento de mundo, curiosidade e vontade de aprender mais sobre nossa cultura, que tem como fonte a África. O livro se transborda e consegue nos levar para muitos horizontes possíveis de valorização cultural para as crianças.

Apresentar uma literatura que consiga fazer a criança imaginar-se dentro dessa incrível aventura é afirmar que elas terão oportunidades de viajar o mundo. É possível ser feliz mesmo que num país racista cheio de preconceitos, que esmagam sonhos e qualquer chance de negros chegarem mais longe que o ensino médio.

Ter referenciais que nos mostram meios que isso possa acontecer, ainda que em número pequeno, é fortalecer a luta pela diversidade num país que deveria ser para todos, com chances reais de crescimento, sem extinção de raça, cor e gênero.

1.4. Peppa

Figura 4– Capa do livro



História de uma menina que tinha cabelo no qual podemos chamar de crespo ou cacheado, um cabelo resistente e forte, tão forte que era capaz de coisas incríveis. Até a página 10, Peppa se mostrava muito feliz com o seu cabelo, mas um belo dia andava pela rua quando avistou um salão de beleza, na frente do salão havia um cartaz que deixou muito intrigada, mal podia dormir pensando como ficaria seu cabelo.

Então resolveu pegar suas economias e ficar com o seu cabelo macio e lisinho, foram dezesseis horas quarenta e oito minutos até que ela pudesse ter o seu cabelo incrível! Mas ao sair do salão tinha uma lista de proibições que deveria ser seguida a risca. Peppa parecia tão triste, tudo era tão chato até que chegou o verão, o que a deixou muito irritada, pois o calor que começava lá no dedão dos pés subia até as orelhas. Ela foi ficando cada vez mais vermelha mais nervosa e insuportável e então não aguentando tanto calor, que se jogou na piscina e TCHIBUMMMM!!! E lá se foi o cabelão liso e sedoso de Peppa.

Apesar da história não definir a cor da personagem, Peppa tem o cabelo do qual podemos caracterizar como cacheado ou crespo. O livro traz uma perspectiva pejorativa sobre o cabelo da personagem no qual a leva fazer coisas que uma criança na verdade não conseguiria fazer. Quem conseguiria puxar uma geladeira com o cabelo?

Aparentemente com as ilustrações Peppa se mostra muito feliz com o seu cabelo forte. Mas percebemos o tom pejorativo sobre o cabelo da personagem, que faz simulações de que o cabelo de Peppa é tão duro que não consegue ser cortado com uma tesoura normal e precisa de um alicate para fazer o trabalho. As alusões que são apresentadas neste livro podem causar nas crianças um sentimento negativo sobre si mesmas, dizendo que seu cabelo é duro, que seu cabelo é difícil de tratar, que seu cabelo é ruim.

Quando Peppa se depara no salão de beleza com a foto de uma mulher, deseja ser como ela. Percebemos que o processo identitário ainda é muito confuso para muitas crianças, pois esse se dá nos conflitos entre o eu e outro. Vemos que a propaganda de uma mulher de pele clara, com cabelos lisos, representa um ideal de beleza, como se nossas crianças deversem negar suas características e procurar um salão de beleza capaz de fazer esse trabalho árduo.

Percorremos o livro e encontramos um salão que não está acostumado com a sua beleza e seu cabelo afro, tratando o cabelo da personagem com objetos de marcenaria, a ilustração deixa claro como a cabelereira fica exausta com dedos machucados, por ter cuidado dos cabelos de Peppa. A desvalorização é tão real que o pente, a escova quebram e precisa de

um alicate, uma furadeira com lixa, materiais que de fato não encontramos nos salões de beleza, reforçando a ideia do cabelo “duro” “difícil”, não é o que o que dita à moda.

O olhar espantado de todos “como se dissesse que cabelo é esse” revela o racismo velado, que crianças passam no seu dia a dia. Segundo os olhos dos outros agora sim o cabelo de Peppa estava Incrível. A questão do cabelo e da estética são pontos importantes para qualquer pessoa e não seria diferente para as crianças que acabam por ficarem reféns de estereótipos e padrões estéticos a serem conquistados artificialmente. Esse livro me faz lembrar às vezes em que neguei o meu cabelo, por achar que se eu alisasse o cabelo ficaria mais bonito e seria aceita. Entender que a beleza está em cada um, do jeito que somos, faz parte de um processo longo de aceitação e qualquer alteração estética que queira mudar a nossa essência de forma violenta deve ser revista.

Segundo a ilustração Peppa sai com um sorriso, que não dura muito tempo, pois, Peppa sai com uma lista de proibições que a restringe a ser criança. Qual o preço que nossas crianças precisam pagar para ter a beleza considerada legítima? O que elas estão deixando de fazer, quando impomos o preço da beleza?

Entre os pontos mais reflexivos do livro destaco as páginas 16 e 17 em que Peppa deixa de ser criança. Muitas vezes obrigamos as crianças e a nós mesmos a procedimentos permanentes que nos custa um preço caro que nos faz negar a nós mesmos. Peppa começa a ver o mundo de outro jeito, era muito chato ficar sem fazer nada devido seu cabelo. Que preço uma criança tem que pagar para ficar linda segundo os padrões dominantes? Peppa volta a ser feliz ao retornar ao retomar a liberdade, sem restrições para brincar, sonhar e ser.

Considerações Finais

Os livros nos trazem reflexões importantes para ser trabalhado com as crianças e para a nossa própria formação, a começar por um debate sobre a nossa própria beleza de forma a valorizá-la com livros que realmente tragam elementos de respeito e valorização da diversidade. Levar um livro com segmento étnico não garante que o reconhecimento e a diversidade sejam trabalhados. É importante explorar cada livro ou história contada, levando os alunos a criarem seus próprios roteiros, é interessante que toda a comunidade escolar esteja envolvida para potencializar as atividades que serão previstas, para que não se torne só mais uma atividade que usou o livro como suporte metodológico.

Diante das explanações em torno dos livros infantis feito acima, percebemos que o livro quando bem escolhido pode ser um aliado para aproximar as crianças dos problemas e conflitos existentes da vida, lidar com essas situações exigem um nível de amadurecimento que começa desde pequeno e perpassam os anos. Uma ajuda importante para as crianças na hora de adquirir essa compreensão pode ser vista na literatura, pois a fantasia facilita a compreensão das crianças. Conforme Silva (2010, p. 47)

O papel da escola na escolha dos livros utilizados nas séries iniciais é fundamental. É responsabilidade da escola estar atenta para a escolha do acervo de sua biblioteca, devendo optar por livros que contribuam para a formação de uma identidade positiva do negro e, simultaneamente, proporcionar aos alunos não negros o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana, deixando, assim, para trás, uma visão estereotipada e preconceituosa das idiosincrasias dos referenciais afrodescendentes.

Assim conclui-se que pensar em propostas pedagógicas com uso do livro é pensar em um trabalho literário que contemple a diversidade, que ofereça oportunidades para os pequenos leitores, no sentido de ampliar o conhecimento sobre si e sobre o outro, numa perspectiva que conhecer seja aprender a respeitar a diversidade que nos constitui. Cada livro em si, já traz diversas formas de como se abordar a questão racial, mas a forma como o trabalho será conduzido dependerá de uma consciência política dos professores e da consciência sobre o processo histórico e cultural de como o negro tem sido entendido e tratado.

Referências

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 01/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira africana**. Brasília, 2004. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2016.

DIOUF, A. Sylviane. **As tranças de Bintou**. Tradução Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

DREGUER, Ricardo. **Bia na África**. Ilustrações Avelino Guedes/ Rogério Borges; - São Paulo: Moderna, 2007. – (viagens de Bia).

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo. Ed. Ática, 2011.

MARIOSIA, G. S; REIS, M. da G. dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária. Londrina, Vagão-volume 8 parte A, dez. p. 42-53, 2011.

RANDO, Silvana. **PEPPA**. São Paulo: Brinque-Book, 2009 il. Color.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007, p. 489-506.